

# Carta a Patativa: meu corpo pertence ao sertão

Cada articulista percebeu um Patativa na sua estreita ligação com a natureza, com o homem, com a mulher, com a política, com a sociedade e com o mundo. Sua obra traz vida e, portanto, se eterniza naqueles que compreendem a dimensão poética da obra. Assim como Machado de Assis prognosticou a imortalidade de seu amigo José de Alencar, no prefácio do romance *O Guarani*, publicado para uma edição da qual saíram apenas os primeiros fascículos, em 1881, também aqui pode-se anunciar sobre o poeta de Patativa: *Te viverás!*

Antonio Iraldo Alves de Brito

Maria do Socorro Pinheiro

Organizadores

Elinaldo S. Meira

[meira.elinaldo@gmail.com](mailto:meira.elinaldo@gmail.com)

---

Professor, Artista Visual. Graduado em Letras e Artes. Mestre em Letras pela Unesp/Assis. Doutor em Artes pela Unicamp. Pós-doutorando em Comunicação na Universidade Federal do Ceará.

Prezado Mestre, estou cansado. É dureza dizer-se cansado aos 45 anos quando meus velhos, todos sertanejos, se dizem com energia, e em estado pleno de vida. Minha Avó Milú, nos 90 anos, sobe escadas com uma força de quem sobe uma serra pedregosa. Não é canseira física, meu Mestre cearense, porque esta em algumas horas de rede o corpo estará bom; é destas canseiras que acometem o prumo das ideias nos desajustes do tempo; o tempo da nação Brasil de 2019 fez-se outro, e talvez o nosso Sertão não esteja de novo no plano deste Brasil. Tudo se apruma daqui uns tempos, sonho. Ser nordestino é um ato político.

Hoje o dia amanheceu úmido; da minha janela de quitinete olho uma cidade da qual sei muito, na qual vivo há muito, embora não saiba o que ela possa acrescentar. Talvez eu esteja arredio, Mestre, feito Belisco, o jumento que por 20 anos foi companheiro de trabalho de meu Avô Rosalvo. Ele, Mestre Patativa, era um animal incomum: perdeu um olho ao brigar com outro jumento por causa de uma fêmea; não se desanimou, seguia os instintos. Vô Rosalvo dizia que Belisco parecia pensar quando ficava no pasto de um lado para outro, ao entediar-se, urrava. Um dia ele sumiu para o fundo da mangueira, morreu quietinho.



Matutei tantas formas de escrever um texto para o senhor; pensei num ensaio sobre a presença de sua obra no cinema, depois na música, numa fortuna crítica. Todas estas coisas que aprendemos desde menino quanto entramos numa faculdade; quiçá estes modelos também se façam saturados. Nada me pareceu, por esta vez, ser a forma de chegar à sua obra. Me ocorreu, então, escrever esta carta, sempre gostei delas, eu as escrevia para minha Mãe, pensei em ilustrá-la com alguns desenhos feito por meu Pai<sup>3</sup>, migrante baiano, que por São Paulo chegou em 1976. Antes vendeu a mula, o comerciozinho de secos e molhados, a sanfona. Deixou parte do dinheiro com minha Mãe, veio para São Paulo, no ano seguinte nos trouxe também. Somos o Povo da tua poesia.

Se eu tivesse nove anos seria muito quando soube de ti pela primeira vez. Foi pela tua “A triste partida”, cantada por Luiz Gonzaga. Era a última faixa de um LP, coletânea de grandes sucessos do Gonzagão. Era curioso, meu Pai sempre pulava esta faixa, já minha Mãe sempre a ouvia. Um dia eles pararam de ouvir o disco, ficou num canto em meio a outras coisas num armário. Quando o reencontrei, o LP estava trincado, haviam se perdido quase 4 faixas; eu insistia em ouvi-lo, punha-o na vitrola, e por mais que a falha do estrago fosse marcante, estava ali meu Sertão em sons, o qual eu iria muitos, e muitos anos mais tarde, poder rever e tocá-lo novamente, desde a ida para visitar meus avós quando muito miudinho.

---

3. Analdino da Silva Meira (1948, Imbuíra – atual Manoel Vitorino/BA). Foi lavrador, quando na Bahia. Na cidade de São Paulo exerceu funções no transporte público, foi feirante, pedreiro. Aos 60 anos descobriu o desenho. Os desenhos aqui apresentados foram realizados em 2018, como parte de um ensaio biográfico. Originalmente todas as ilustrações são coloridas na dimensão A3.



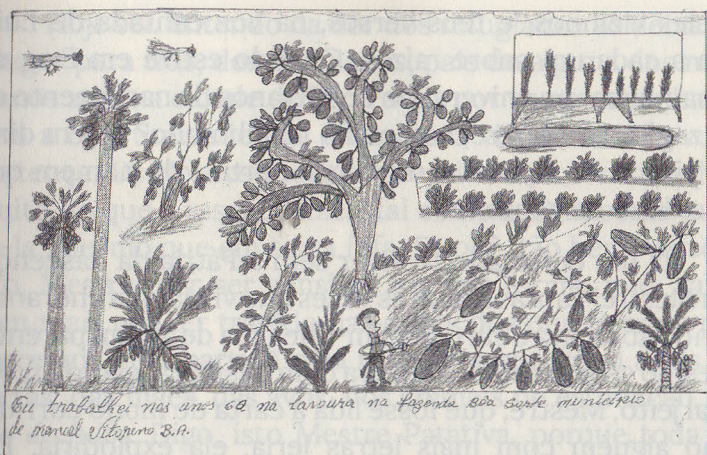


Fig. 1 - Na legenda lê-se (tal como escrito): “Eu trabalhei nos anos 60 na lavoura na Fazenda Boa Sorte município de Manoel Vitorino B.A.”

Eu te falo a partir daqui, Mestre, dos que vieram nesta partida para o sul. Vários dos meus nunca mais voltaram, principalmente os que vieram na primeira leva familiar nos começos dos anos 1960; foram estes que pouco a pouco foram acolhendo os parentes da Bahia. Henrique Meira Sertão, em Ribeirão Pires, na região do ABC, e Anésia e Deoclides de Souza Meira, em Osasco. Este último, também, poeta como o senhor, autor em uma caderneta de anotações de uma saga “O drama da família Cauaçu”. Os Meiras do meu lado sempre foram dados às invencionices. “A triste partida”, ainda menino, me doía ao ouvi-la. Eu não sabia direito, mas nela estava a vida de tantos como os meus pais, o vizinho da frente, os do fundo, os das ruas daquelas quebradas; ninguém era dali. Se não eram do Nordeste, eram alguns do Norte Mineiro, do Oeste Paranaense, um ou outro do Pará. E todos, nos apelidos, éramos chamados das terras donde nasceram: “Ô Bahia, fala pro Mineiro que o Ceará vai trabalhar na obra do Piauí”. Havia um sentido de universalidade, de um Sertão-Mundo representado por



aqueles vizinhos, e teus versos, na voz cantada de Luiz, dizia a cada um sobre raízes. Quando estive em Exu, no Pernambuco, no aniversário de 100 anos de nascimento de Gonzagão, ah Mestre, como não ter chorado? Quem diria que pisaria ali, na terra, no Lugar-Sertão, do homem que tanto disse da gente.

Há um certo aperto viver sem a Pátria da nascença, meu Mestre! Tantas foram as vezes que vi Mainha chorando quando abraçava a carta recém-chegada de algum parente, e mesmo sem dominar a leitura com destreza, ela soletrava de tal jeito, Mestre, que fosse lida a carta de modo corrido, como alguém com mais letras leria, ela explodiria. Ela soletrava a Saudade. Não era a tua poesia que era lida ali, querido Patativa, naquelas letras, mas o senhor a entenderia naquele ritmo de amar as palavras. Porque palavra é gente, ainda mais traçada a mão.

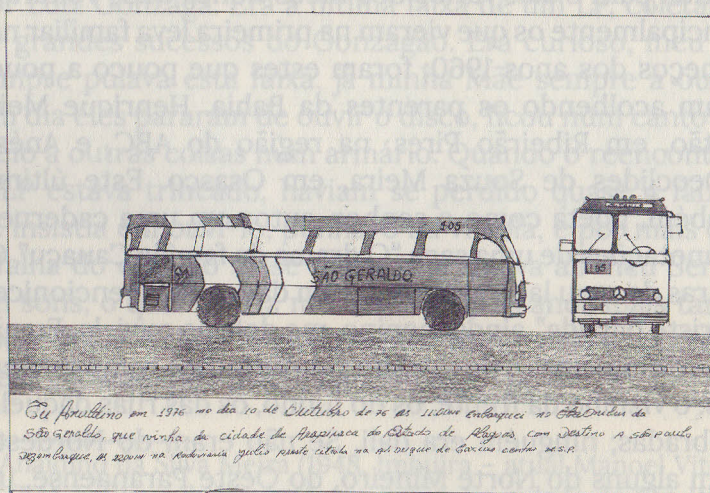


Figura 2 - Na legenda lê-se (tal como escrito): “Eu Analdino em 1976 no dia 10 de outubro de 76 as 11:00 hs embarquei no onivus da São Geraldo, que vinha da cidade de Arapiraca do Estado de Alagoas com destino a São Paulo. Desembarquei as 22:00hs na Rodoviária Julio Prestes citada na Av. Duque de Caxias centro de S.P.”

Hoje sei. Entendo da dor dos refugiados ao deixarem o lugar para trás, dos bolivianos, pais de alguns dos meus alunos aqui na cidade de São Paulo, por viverem sonhando com a oportunidade das férias para visitarem o Povo de pertença. Os Nordestinos, na própria nação Brasil, sabem muito do que é rasgar raízes, tal como sabem como cultivá-la, mesmo que em terra fofa. E você, tão bem, versejou isto, Mestre! Por ser sensível aos que foram, mas, talvez bem mais por ter tratado das dores dos que ficaram pelo regresso: leu a partida pela paisagem que ficou atrás das serras; das mães, das avós, dos animais de estimação, dos *pés de fulôs*. Digo, isto Mestre Patativa, porque toda vez que retorno ao meu canto sertanejo, lá do meu centro-sul da Bahia, ao ver as pequenas serras, as últimas e as primeiras imagens de uma partida, elas que me acolhem, como que a receber o meu primeiro pedido de bênção. Voltamos, meu Mestre, por tudo que está nas serras: do Povo às juremas, xique-xiques, mandacarus, umbuzeiros, pelos cheiros aos sons dos bichos. Minha Avó Milú volta porque tem saudade até das pedras. O senhor bem sabe do acolhimento de nossas serras ao ter cantado a sua, a de Santana.

Eu nasci ouvindo os cantos  
das aves de minha serra  
e vendo os belos encantos  
que a mata bonita encerra  
foi ali que eu fui crescendo  
fui vendo e fui aprendendo  
no livro da natureza  
onde Deus é mais visível  
o coração mais sensível  
e a vida tem mais pureza.<sup>4</sup>

---

4. ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. Org. e prefácio de Luiz Tadeu Feitosa, São Paulo: Escrituras Editora, 2001, p.18.





Figura 3 - Na legenda lê-se (tal como escrito): “História = nos ano 70, Eu Analdino criava rebanho de cabras no distrito de Catingal, na Fazenda Boa Sorte Município de Manoel Vitorino BA.”

O Sertão-Mundo de “A triste partida” me inquietava pelas representações visuais em minha meninice; havia o que alcançava pelas contações domésticas sobre a Seca, sobre animais, sobre migrações. E havia o que não entendia, a mim revelado aos poucos, como o mês de São José, e a crença nas pedras de sal (isto algo muito cearense). Vivia em Osasco, na região metropolitana de São Paulo, na periferia do Jardim Bonança, lá chovia bem. São José era apenas o esposo de Maria, e as pedras de sal... delas ninguém sabia. Por que meu Povo não dizia disto? Tempos depois, com Dona Evanilda Araújo, sertaneja cearense, Mulher das lutas de Comunidade Eclesiais de Base, grande Mestra, me ensinou a respeito dos profetas das chuvas, da observação das formigas prenunciando o inverno sertanejo, das varetas de pesquisar pontos de água na terra seca, sobre arroz com leite, sobre Padre Cícero. Aliás, quando ela falava sobre o *Padin*, os sudesti-



nos achavam estranho alguém se referir com tanta intimidade a um padre lá do fundo do Sertão.

Eu, baiano criado nas terras “do sul”, fui me (re) tornando Povo-Nordeste, me revisitando sertanejo, quando o Sertão-Mundo foi me (re)acolhendo no Seridó potiguar das margens do Rio Sabugi, em Palmeira dos Índios nas Alagoas, no Raso da Catarina, e no meu próprio lugar de nascença; ainda está nesta lista o Cariri cearense, e tantos outros lugares de minhas passagens como pessoa e fotógrafo.



Figura 4 - Na legenda lê-se (tal como escrito): “História da crise nos anos 72 no norte do Estado da Bahia faltou água não tinha pasto para as criação comer, tinha que pegar água nas piscinas, e além da água ser difícil e ainda era água saloba, as chuvas que caía sobre a terra só mau molhava a terra.”

A universalidade de tua poética tem a capacidade de unir as várias terras que compõem o Nordeste. Essenciais mitos nordestinos foram andantes, e conscientes do Sertão-Mundo: Antônio Conselheiro, que nasceu cearense,



e formou Canudos na Bahia; Padre Ibiapina, que também nasceu cearense, que estudou no Recife, e que findou suas missões na Paraíba. Virgulino que percorreu praticamente todos os cantos sertanejos; Padre Cícero que, embora tenha sua figura fincada a Juazeiro do Norte, percorreu montado e formou amizades por Pernambuco, e por aí segue o Povo do Sertão-Mundo. Unidade na diversidade. A tua poesia fala a todos deste Sertão, porém, limitá-la a um regionalismo, a partir da estética de sua linguagem escrita ou temática, é negar a capacidade libertadora que a palavra é ao exercício criativo; o Mestre bem sabe o que canta, quando escreveu:’

Na minha pobre language,  
A minha lira servage  
Canto o que minha arma sente  
E o meu coração incerra,  
As coisa de minha terra  
E a vida de minha gente.<sup>5</sup>

E ainda:

Canto as fulô e os abróio  
Com todas coisa daqui:  
Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se bulí.  
Se as vez andando no vale  
Atrás de curá meus male  
Quero repará pra serra,  
Assim que eu óio pra cima,  
Vejo um diluve de rima  
Caindo inriba da terra.<sup>6</sup>

---

5. ASSARÉ, **Patativa do. Filosofia de um trovador nordestino**. 8<sup>a</sup> ed., Petrópolis: Vozes/Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 1992, p. 17-20.

6. ASSARÉ, **Patativa do. Cante lá, que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino, 8<sup>a</sup> ed., Petrópolis: Vozes/Crato: Fundação Pe. Ibiapina, 1992, p.25-29.

Como não amar as serras, não é Patativa? Cada pequeno monte destes encerram o sagrado. Não sei se o senhor conhece Monteiro, na Paraíba. Para quem vai para o Rio Grande do Norte, sentido Caicó, passamos por um conjunto de serras incríveis. Como aquilo é lindo, Mestre! Ali é uma região sagrada da poesia com viola, do repente, do cordel. Requer cuidado passar por ali, porque toda beleza é sedutora e pode nos sugar serra abaixo. Tal como a poesia, embora se a alma seguir calma:

E mesmo depois de morto,  
Mesmo depois de morrer,  
Ainda gozo conforto,  
Ainda gozo prazer,  
Pois, se é verdade que as arma,  
Mesmo as que vivero carma  
E alcançaro a sarvação,  
Fica vagando no espaço,  
Os meus caracó eu faço  
Pro riba do meu sertão.<sup>7</sup>

É, Mestre, o senhor também sabia brincar com a transcendência, e com bom humor.

Em outro momento sua obra chegou a mim por meio da música, ao ouvir Raimundo Fagner cantar “Vaca Estrela e Boi Fubá”. Depois a ouvi nas lindas vozes mineiras de Pena Branca e Xavantinho. Já era um universitário, e o espaço de tempo entre o menino de “A triste partida” e “Vaca Estrela e Boi Fubá”, havia amadurecido o desejo de estudar a poesia de fonte oral. Era por esta época estudante de Letras, morava e estudava no interior paulista, estava em contato com a cultura caipira, e me parecia ser o caminho, ou a

---

7. ASSARÉ, Patativa do. **Eu e o Sertão**. Grupo de Estudos da Cultura Popular – Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://gelpufc.blogspot.com/2012/> Acesso em 30 maio 2019.



possibilidade que teria para me aproximar de uma forma do Povo fazer poesia pela voz. Sou grato aos violeiros com os quais convivi e aprendi a reparar nas palavras “erradas” para compor a rima certa. Neste meu lugar do aprendizado com a poesia do Povo caipira não havia serra, é um vale, o do Rio Paranapanema; a seca por lá não maltrata a terra como no nossos Sertões, o sotaque é outro, o jeito de tocar viola também. Mas tal como na poesia do Mestre, quem dá o mote é o ritmo da vida, o trabalho, as paixões, os bichos, Deus, o saber olhar o que se vive:

Cresci entre os campos belos  
De minha adorada Serra,  
Compondo versos singelos  
Brotados da própria terra,  
Inspirado nos primores  
Dos campos com suas flores  
De variados formatos  
Que pra mim são obras-primas,  
Sem nunca invejar as rimas  
Dos poetas literatos.<sup>8</sup>

Ao contrário do que se possa pensar, a poesia também faz calos, não é Mestre? Por vezes até na mão. A terra, o lugar, as gentes, as alegorias que criamos para explicar os términos, as nossas incapacidades, tudo isto se ajusta às palavras na voz do poeta. Aristóteles, na Poética, ensina que poiesis é processo de transformação em que trazemos à forma o que até um certo momento é desconhecido. Minha Avó Aurea preparava palhas, e dela fazia esteiras, e na esteira sentia a vida descansando de olhos fechados. Ela não plantava folhas para palhas, plantava

---

8. ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005, p.21 Figura

esteiras, chapéus, cestos. Como é sábio isto, saber a planta para cada poiesis, embora se possa contar com o imprevisito do não acerto.



Figura 5 - Na legenda lê-se (tal como escrito): “História de Duas Vacas Catingueira por nome de Valença e Petrolina são muito roceira, gosta muito de ração, é muito leiteira, o sustento de D. Francelina. Bahia = na Fazenda Caititú, Município de Manoel Vitorino B.A”

Aqui já é tarde, Mestre. Já não chove mais. Por mais ligeiro que seja ler uma carta, não é escrevê-la quando o interlocutor é Patativa do Assaré. A cidade escureceu. As infinitas luzes estão acesas. O barulho dos carros ainda persiste. Acho que nunca deixei de ouvir um barulho de motor neste lugar. Os únicos que podem superar o ronco mecânico nesta cidade são os sabiás que ecoam pela madrugada:

Quando canta o sabiá  
sem nunca ter tido estudo  
eu vejo que Deus está  
por dentro daquilo tudo  
aquele pássaro amado  
no seu gorjeio sagrado  
nunca uma nota falhou  
na sua canção amena



só canta o que Deus ordena  
só diz o que mandou.<sup>9</sup>

Por aqui eles só começarão a cantar em agosto, ainda é maio, e de um 18º andar de prédio, não resta muitos outros sons para se ouvir que não os dos carros e motos por hora. Amanhã é segunda-feira, logo junho chega. Os arremedos de festa junina por aqui estão longe do sentido que nosso Povo experimenta nos Sertões. Vivo nesta São Paulo desde os 3 anos de idade, e sempre serei o menino retirante; Lula sempre será o menino retirante, meu Pai sempre será retirante, minhas tias sempre serão retirantes, meus colegas de trabalho, meus alunos, que vêm do Sertão-Mundo, se não negarem o que são, sempre serão retirantes. Volto à sua “A triste partida”: “Nós vamo a São Palo/ Vivê ou morrê”. Ainda estamos vivos.

Quando eu morrer eu quero ser levado por uma acauã, e que ela me deixe em algum lugar entre o Cariri e o Seridó, porque meu corpo pertence ao Sertão.

Obrigado, Mestre Patativa.

---

9. ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. Tadeu Feitosa (org.). São Paulo: Escrituras, 2001, p. 21.